

UNIDADES DE TRIAGEM DE LIXO: reciclagem para a vida

Fernando Freitas Fuão (coord.)

Fernanda Schaan

Michele Raimann

Bruno Euphrasio de Melo

Camila Bernadeli

Camila Rocha

Ananda Kuh

(bolsistas CNPQ - PROPESQ - UFRGS)



O presente artigo provém da pesquisa “Unidades de Triagem de Resíduos Sólidos (UTRS), um estudo sobre normativas e proposições arquitetônicas” que avalia vários modelos de Galpões de Triagem existentes no Brasil, e tem por objetivo melhorar e qualificar esses espaços mediante a criação de normas técnicas relativas à arquitetura, à higiene, ao meio ambiente e à segurança. Almeja também, por consequência, a melhoria das condições humanas gerando trabalho para os catadores que fazem desse labor seu meio de subsistência.

BREVE INTRODUÇÃO À TEMÁTICA DO LIXO E DOS CATADORES

Penso, caro professor, que sua ajuda num primeiro momento poderia ser apenas olhar. Olhando, você conheceria um pouco desse universo. Olhando você começaria a conhecer pessoas e a conversar com elas, e daí em diante começaria sua contribuição que, tenho certeza, será valiosa. A Universidade pouco se voltou para este setor. Soube que nas Engenharias, não sei em qual, já tem uma cadeira chamada ecodesign, que trabalha com a indústria em vista da fabricação de embalagens que dialoguem melhor com o seu final industrial, é com a indústria que eles dialogam, mas não com os trabalhadores... como que poderia ser o inverso? Penso mais, muito mais que simples embalagens, penso em respostas imediatas a uma arquitetura desajustada de tudo e de todos, precária, penso na grande maioria desses trabalhadores que são mulheres chefes de família, e em seus filhos. Se a arquitetura é débil, se as organizações e associações são frágeis é porque existe toda uma carência que antecede essas questões. Fico contente que poderá nos acompanhar nessa jornada. (Pedro Figueiredo, educador popular do CAMP)

Nosso interesse por esse tema vem de nossa condição de alunos e professor, pesquisadores, que ocupam espaço dentro da Universidade e de nosso compromisso social enquanto profissionais, sem negar nosso interesse profissional na busca de um campo de trabalho, muito além daquele que se costuma conhecer, como projetistas de grandes casas suntuosas, sólidas, monumentais, esteticamente perfeitas dentro dos padrões da moda, grandes edifícios residenciais, conjuntos habitacionais, *shopping centers*, e agora nos últimos tempos uma avalanche de centros culturais, e museus.

Tudo isso ensinamos a projetar na salas de aula, mas muito pouco disso se constrói na realidade, as cidades empobreceram, as pessoas empobreceram, o ensino empobreceu. Só o que nós, professores, vemos nas faculdades e escolas é um descomprometimento com o papel social do profissional, pois temos formados arquitetos para viver numa irrealidade, a não questionarem nada além da prancheta. Essa constatação nos aproximou, entre outras coisas, do universo dos resíduos sólidos, um eufemismo que muitas vezes ainda preferimos designar como simplesmente lixo. Ele só adquire o estatuto de resíduo sólido quando vira mercadoria. “Lixo” sim, até que realmente haja uma compreensão desse material enquanto potencial criador e transformador, como agente mesmo da renovação do ser.

De uma maneira geral, as diferentes sociedades sempre tiveram uma relação de afastamento com os resíduos por elas produzidos. O lixo é freqüentemente associado com quem trabalha com ele, aos moradores de rua e aos catadores.

O lixo é algo mais transcendente, associa-se à ordem e à desordem. Portanto, dizemos que isso está no campo da arquitetura, da cidade, da ordenação das cidades, da ordenação do espaço da cidade, do espaço punitivo da cidade. Georges Balandier, em seu livro *A desordem, elogio ao movimento*,¹ nos explica que a desordem e o caos não estão somente situados, estão exemplificados. À topologia imaginária associa-se um conjunto de figuras que manifestam sua ação dentro do próprio espaço policiado. Nessa perspectiva, não só o lixo, mas também as pessoas que trabalham com ele surgem como figuras de desordem. Figuras que são banalizadas e repletas de ambivalência por aquilo que delas é dito e do que elas designam, são objeto de desconfiança e medo em razão de sua diferença de sua situação e margem, são geralmente os suspeitos e as primeiras vítimas de acusação. Figuras que, como agentes de desordem arrastam outras figuras como a violência, a doença, a fome. O próprio fenômeno da catação e da ordenação do material lixo acabam por explicar a desordem da ordem moderna. O (i)mundo.

O lixo é muito mais que um subproduto da sociedade atual, ele retrata e amplifica a própria estrutura da sociedade produtivista em que vivemos. O lixo, em abundância, é algo dos últimos anos. Ele é o retrato mais fiel da sociedade de consumo, da superficialidade da sociedade que prioriza as embalagens em detrimento do conteúdo, fabricando embalagens para que os produtos possam durar mais e viajar longas distâncias.

O conhecido artista Armam, nos anos 50-60, e outros neo-realistas já haviam percebido o potencial do lixo, do rejeito, da matéria enquanto materialidade plástica e mesmo simbólica da ação do ser humano, como retrato da cultura contemporânea individual. Armam fazia o que chamava de retratos - colocava em lixeiras circulares e transparentes todos os rejeitos, todo o lixo produzido dia a dia. Esses materiais, ao fim e ao cabo, deveriam retratar e/ou representar parte do indivíduo tal como uma fotografia. Com isso, Armam expressava que o homem na atualidade, o produtor de lixo, não mais precisa ser representado por sua fisionomia, mas sim pelos próprios objetos que produz e descarta.

Pelo avesso, quem consome o lixo explica não só sua condição de exclusão, sua desterritorialização, avesso do ser humano, mas revela todo o processo da cadeia exploratória humana, seu verso.

Ao olharmos mais atentamente o lixo, como nos explica Sueli Cabral, encontramos relações sociais e simbólicas que, se por um lado o instituem como dejetivo, por outro podem reconhecê-lo como elemento de emancipação. Seu avesso é uma figura semiológica de desordem inscrita num sistema de signos e vigiada por controles mais simbólicos do que reais. Afastar o impuro, afastar a convivência com o insuportável a partir de uma ordem utilitarista e hierarquizada, já apresenta fortes sinais de

desintegração.²

A atividade de catação é bastante antiga, alguns se reportam ao século XVIII, outros se referem até a Antigüidade greco-romana, mas em todo caso ela aponta ao longo da história o papel de exclusão e do não direito ao uso da cidade, e a própria condição civilizatória, por parte de quem limpa o mundo. Entretanto, o fenômeno de catação das milhares de pessoas que sem perspectiva preparam seus corpos para puxar carrinhos é nova, e até então nunca vista.

Essas pessoas invadiram os centros, as ruas das cidades com seus carrinhos, gente que vivia na periferia, na periferia da periferia, gente que fazíamos que não enxergávamos, cinza.

De repente esses desconhecidos aparecem de forma nova. É o "outro", o evento que chega em carrinhos para mostrar, anunciar o não visto. E esse oculto arrasta mitologicamente o temor, o medo e desordem, ao mesmo tempo que nos livra da culpabilidade. É a fonte do inesperado, do imprevisível, do acontecimento que atenta contra o curso natural das coisas, contra a própria ordem.

Na verdade é o futuro incerto que se apresenta pelas ruas carregando em seus carrinhos a intolerância do (i)mundo, é o futuro escondido dos homens que dele não se sentem mais donos, que se apresenta como um perturbador potencial como observou Balandier.³

"Por meio de sua lentidão, eles se fazem notar. Levam as ruas e os carros a novos ritmos, com o intuito de questionar a lógica da aceleração."⁴

Ao se afastar o lixo e ao colocá-lo para fora das relações de uma sociedade asséptica e hierarquizada, ele foi necessariamente aproximando-se dos excluídos, dos não cidadãos, daqueles que viviam às margens das cidades, fora dos muros, nas vilas, na periferia da periferia, nos limites das cidades, no espaço cinza entre uma cidade e outra.

Mais especificamente, ele foi disposto longe dessa faxina que afasta tudo aquilo que não se quer ver ou ser.

A flecha direcional da trajetória espacial do lixo sempre foi do centro para a periferia. Sempre se expulsou para as periferias os rejeitos da cidade, como forma de separação, de eliminação. Essa periferia cinza segmentada e de certa forma apartada da cidade é o lugar para onde vai tudo de ruim. Onde se deposita tudo o que é feio e cheira mal, o que é violento, selvagem e perturbador. O lixo tem uma dimensão ética e conseqüentemente estética, geralmente não consideradas.

Associamos ordem à cidade, ao centro e ao que está ao seu redor, desordem ao periférico. O lixo, enquanto lixo, é pura desordem, é aquilo que é jogado, expulso, eliminado, secretado, escondido, enterrado. Jamais o organizado. Reorganizar o lixo é função dessas mesmas pessoas: que foram jogadas, expulsas, eliminadas, excluídas da potência da cidade. A história da cozinha e do banheiro burguês provam que é o pobre quem sempre higieniza o mundo.

A deslocabilidade da gigantesca quantidade de lixo, sua trajetória dentro da cidade, revela a importância dele enquanto objeto de

investigação, como rastro mesmo da superficialidade da vida, e organização das cidades.

Da casa para rua, da rua afora, sempre mais para fora, excentricamente. Mas esse fora nunca é tão fora assim, esse fora é um fora momentâneo, é um logo após nosso campo de visão, de nossos olhos e de nossos narizes.

Bauman, ao comentar sobre a instabilidade e fluidez das relações humanas na modernidade, em *O amor líquido* se utilizou da produção do lixo para exemplificar essas relações: “Se lhes perguntassem, os habitantes de Leônia, uma das cidades invisíveis de Italo Calvino, diriam que sua paixão é desfrutar coisas novas e diferentes. De fato, a cada manhã eles vestem roupas novas em folhas, tiram latas fechadas do mais recente modelo de geladeira, ouvindo *jingles* recém-lançados na estação de rádio mais quente do momento. Mas a cada manhã as sobras de Leônia de ontem aguardam pelo caminhão de lixo, e cabe indagar se a verdadeira paixão dos leonianos na verdade não seria o prazer de expelir, descartar, limpar-se de uma impureza recorrente. Caso contrário, por que os varredores de rua seriam ‘recebidos como anjos’, mesmo que sua missão fosse cercada de um silêncio respeitoso o que é compreensível, ninguém quer voltar a pensar em coisas que já foram rejeitadas.”⁵

Esses anjos cinzas, ultramodernos, que se deslocam das periferias ao centro carregando centenas de quilos de papelão, garrafas PET, e alumínio por onde passam não só higienizam mas deixam o rastro da existência nua. São eles que, ao se exporem, fazem a comunicação entre esses mundos imaginários: o de dentro e o de fora. Ao incorporarem-se dentro do núcleo urbano, desfazem, em certo sentido, a dicotomia de um dentro e de um fora, de um incluído e de um excluído. São esses carrinheiros que ao percorrerem as cidades ao avesso - puxando até 400 kg - tem nos mostrado uma nova visibilidade sobre o lixo.

Para muitos, a cidade e sua extensão é hoje o lugar da degradação ambiental e humana, da tirania das grandes transnacionais, como tão bem ilustrou Rubem Alves em seu pequeno conto sobre lagartixas e dinossauros.⁶

A periferia é o único *locus* da possibilidade da mudança, da renovação que vem de fora para dentro, como uma invasão bárbara, bárbara! Essa periferia é também o lugar da revelação, da reação, da inovação, da construção dos novos espaços, das novas arquiteturas, o lugar dos Galpões de Triagem que tivemos a felicidade de descobrir. Curiosamente o periférico, às vezes, está no centro.

“Se as práticas sociais definem o espaço de uma sociedade, os catadores de materiais recicláveis, os trabalhadores das UTRS convidam a sociedade a reinventar a cidade, requalificar a cidade, requalificar o urbano, radicalizar o direito à cidade, inaugurando novas práticas frente ao lixo e aquelas que dele retiram sua sobrevivência.”⁷

Se a complexidade e intensidade do processo de catação varia de local para local, as condições de trabalho são em geral todas desumanas.

Faltam incentivos e apoio principalmente por parte do poder público que custa reconhecer o trabalho social que esses catadores fazem dentro da cidade. O grande volume de lixo produzido nas cidades brasileiras é responsável por muitos problemas, e tem sido também fonte de renda para milhares de famílias. O que para alguns segmentos da sociedade é um problema, para outros é solução para fome. A abundância de resíduos sólidos, como latas, garrafas PET, sacos plásticos, papéis e papelões, criou uma nova categoria de trabalhadores, a dos catadores de lixo seco. Em todo o Brasil estima-se que eles sejam mais de um milhão de pessoas.

Em Porto Alegre, segundo Pedro Figueiredo, coordenador da Associação Profetas da Ecologia, existem três momentos que foram importantes na trajetória do lixo como matéria valiosa. Praticamente ao final dos anos 90 existia nas grandes cidades um tipo de coleta seletiva, desarticulada, e com uma ausência total de uma política pública disciplinada num sistema organizado. O lixo era coletado e levado diretamente para os “lixões”. Além daqueles trabalhadores que trabalhavam em cima dos lixões, que eram muitos, muitíssimos, existiam aqueles que trabalhavam de porta em porta, já muitas décadas atrás, ambos sobrevivendo da coleta. Até algumas décadas atrás o lixo não era considerado uma matéria valiosa. Nos últimos anos em várias cidades, mais precisamente em alguns Estados, criou-se, após uma intensa luta de articulação e cooperativismo, as federações e o movimento nacional. Na verdade, a gênese do movimento e da federação, no Rio Grande do Sul, se dá a partir da organização desses trabalhadores, isto é, dos carrinheiros no centro da cidade que se mobilizam para que as prefeituras não os tirassem de lá (dos centros onde se encontrava abundantes recursos, principalmente papelões e papéis provenientes do comércio). Nos primeiros tempos existia muita pressão do trânsito sobre eles; hoje as pessoas que andam de carro já se sensibilizaram. As igrejas, as empresas, as escolas sempre foram muito solidárias com esses(as) trabalhadores(as). As famílias no centro e nos bairros residenciais acabaram criando vínculos de solidariedade com esse pessoal. Eles não levavam somente o lixo, mas levavam comida, roupa, caderno para os filhos... A dona de casa ou empregada guardava, porque sabia que no outro dia teria o “seu fulano” que tinha um rosto, e chegaria a sua porta. Ela conhecia seus filhos, suas necessidades! Mas quando as prefeituras assumiram o controle da gestão seletiva, essas relações interpessoais foram sendo cada vez mais suprimidas. A organização da federação surge exatamente desse tipo de trabalhadores. O homem na rua coleta, e em casa a mulher e os filhos separavam, mesmo no fundo de seus casebres, ou em plena rua, para depois comercializarem. É importante destacar que as mulheres sempre tiveram um papel muito importante nesse trabalho, mesmo nos lixões a maioria dos catadores são do sexo feminino. São homens, mulheres e crianças no limite da miserabilidade. Basta ir num lixão para ver. E são elas que ficam com as crianças quando os parceiros vão embora, e tendo que alimentá-las lançam mão daquilo que está mais próximo. O lixão constituía-se em

fonte de alimento (orgânico degradado e lixo seco comercializável). Hoje os lixões em Porto Alegre inexistem, mas o lixo é ainda e continuará representando comida, mesmo em sua faceta reciclável. É ele quem proporciona os ganhos e rendimentos para a alimentação.

Num segundo momento, as prefeituras das cidades passaram a assumir o controle da gestão da seletividade do resíduo sólido. Os caminhões da Prefeitura começam a percorrer rotas de coleta que até então eram alternativas à compactação existente, e assim se foi construindo um sistema de gerenciamento no seu conjunto, não só do reciclável mas de todos os resíduos. Começa, então, a construção dos galpões por parte da Prefeitura. O interessante é que as pessoas e as comunidades desconfiam da Prefeitura. E elas, de uma forma ou de outra, sempre guardam seu lixo e dão para os catadores com quem têm afinidade, quase como uma espécie de esmola ou contribuição, ou ainda um auxílio. Por exemplo, nos condomínios o zelador tem seus protegidos e burla a coleta oficial, bem, como as empresas de recolhimento. Os departamentos de limpeza ameaçam com multas, mas não adianta.

Um terceiro momento que se pode identificar é a “explosão” do lixo dos últimos quatro anos. O desemprego, aliado com a ampliação da capacidade de absorção por parte da indústria da reciclagem, lançou milhares à cata de tudo que é encontrado. Tem uma brincadeira que diz que catador não rouba, ele cata tudo que encontra pela frente. Na grande Porto Alegre, por exemplo, a Prefeitura construiu mais de vinte galpões. Como todo mundo foi à cata do resíduo, foi em um processo acelerado, diminuindo a quantidade de lixo nos galpões. Hoje temos em Porto Alegre, além das várias UTRS, milhares de catadores com seus carrinhos, que pesam muito, perambulando, seguindo circuitos à cata de material. O sistema construído pelas prefeituras foi torpedeado, elas não estavam preparadas para as mudanças estruturais na complexa cadeia da emergência da pobreza, que vai às ruas não mais para pedir esmolas, mas para trabalhar na única coisa que resta. Some-se a isso que o mercado de trabalho solicita que as pessoas tenham aptidão específica, e a competição é acirrada.

Avaliamos que o sistema não quebrou, ele está em contínua crise, conflito. Essa complexa cadeia deve se reestruturar, adequando-se a partir da nova *performance* da realidade emergente. Isso não é só um problema de Porto Alegre, mas de todo Brasil e do Terceiro Mundo. Apareceu um novo tipo de “empresário”, como se refere Márcio Magera,⁸ que recolhe o lixo e o disputa diretamente com o sistema público. Ele constrói galpões clandestinos, compra o material do catador que precisa de dinheiro de forma imediata, que precisa comer de noite. A indústria precisa de quantidade; os galpões, muitas vezes, não tem a quantidade suficiente, já não conseguem triar o material que chega, sua produtividade é alta mas sua rentabilidade é baixa. Aparece então a figura do atravessador que tem a logística da estocagem, compra um pouco de cada um e faz o volume e portanto a escala que a indústria precisa, e assim consegue

negociar melhor e obter melhores preços de venda.

A FARRGS ou Movimento Nacional ressurgiu nesse contexto de organização dos trabalhadores, já que cada cidade tem suas especificidades e genese. Hoje o Movimento percebe que é preciso organizar um sistema de venda coletiva. Uma espécie de central de compra e venda, fazendo aquilo que o atravessador faz, mas as tentativas de concretização não deram certo. A autogestão é uma construção lenta muitas vezes, e não acompanha a dinamicidade do mercado dentro da sociedade que mede seus índices pela produtividade. Por exemplo, com dinheiro público se montou uma indústria de beneficiamento para agregar valor ao plástico, mas não se capacitou os trabalhadores para gestão de um empreendimento deste porte, tendo ao final que entregar à iniciativa privada.

Sobre legislação ambiental existem muitas leis, decretos e normas reguladoras, portarias. Instruções normativas e resoluções que abordam e sinalizam uma política nacional de meio ambiente, mas a verdade é que muito pouco se obedece às referências legais. Com o objetivo de superar esses obstáculos, o trabalho tentou evidenciar o porquê dessas negligências e oposições com relação às normas e leis tanto de parte das autoridades municipais quanto dos recicladores, que sob o rótulo do tudo pelo social, negligenciam os aspectos espaciais em detrimento do produtivismo de cada cidade. Trata-se de uma constatação óbvia, até para quem começa a vivenciar esses ambientes, mas sempre deve se ter em mente que o discurso preconizado pelas prefeituras, pelos ambientalistas e pelas próprias Organizações Não-Governamentais (ONGs) que apoiam esses empreendimentos sempre acabam salientando a justificativa social e acabam por acatar as condições de miserabilidade desses espaços em prol do desenvolvimento social dessas comunidades, esquecendo que não pode haver desenvolvimento social, cidadania, sem vir acompanhada de uma qualificação do ambiente de trabalho.

Entende-se que a arquitetura não é suficientemente reconhecida na problemática da reciclagem do lixo, e muitas vezes até menosprezada a sua importância em face das necessidades mais emergentes dos catadores. Mesmo dentro de outras áreas da ciência como Administração, Educação, Sociologia, Psicologia que estudam esse tema, ela permanece ausente nesse processo interdisciplinar. Com frequência, a importância da arquitetura e do espaço não comparecem diretamente como item referencial na política do lixo. Vide por exemplo o Edital do CNPq de auxílio aos catadores que nem sequer contemplou o item espaço-arquitetura, dando prioridade para esteiras, prensas e outros equipamentos.

Os catadores trabalham dentro de um espaço físico, passam a maior parte do tempo de seu dia nesses lugares, e infelizmente a maioria desses espaços não apresentam as condições mínimas de habitabilidade.

Os galpões surgem num primeiro momento simplesmente como um espaço para a triagem, e mesmo os modelos de galpões construídos pelas prefeituras acabaram por demonstrar um grande desconhecimento da dimensão espacial-social dos catadores e de seus comportamentos.

Tudo isso acaba refletindo no espaço, e os espaços mal projetados acabam refletindo-se nas relações sociais e de produção dos catadores.

A política do lixo tem sido abordada enfaticamente desde o aumento da produtividade e dos ganhos desde o ponto de vista simplista de ganhos monetários, deixando para trás os verdadeiros ganhos sociais que essas cooperativas autogestionárias possam apresentar e desenvolver em suas experiências. Acreditamos que só esses ganhos monetários de nada servem quando muito dos trabalhadores acabam comprando mais bebida alcoólica, drogas ou outro tipo de desperdício. Acreditamos que o aumento da produtividade e os ganhos sociais devem vir acompanhados de outros programas como alfabetização, contabilidade, psicologia e mais: todos esses aspectos se entrecruzam e acabam concretizando-se na arquitetura, e na forma em que vivem e trabalham nela.

Na maioria dos galpões de triagem inexistem um planejamento do espaço, uma administração do espaço, um espaço da administração. Sabe-se que o espaço e sua organização é fundamental na produção, mas os discursos coletivo e de todas as parcerias dos galpões, infelizmente, desconhecem a importância de uma vida pensada em torno do espaço e de sua habitabilidade

Eles deveriam incorporar uma série de atividades – e conseqüentemente espaços – que representem uma melhoria de qualidade de vida para esses trabalhadores, como por exemplo, refeitórios corretamente instalados e alocados com referência às zonas de triagem, pias e lavatórios, vestiários para os catadores, salas para a produção de artesanato a partir do lixo, e toda uma quantidade de proposições que essa pesquisa tem por objetivo demonstrar a partir das análises e vivências. Como áreas mínimas de ventilação, *layout* da disposição das mesas e/ou bancadas, espaço para prensa e armazenagem, diagramas de fluxos, etc. Nossas deambulações e diálogos pelos galpões mostram também a importância de um simples ralo pode adquirir na lavagem do piso, ou da presença de um extintor, por exemplo.

Infelizmente, diante de todas essas possibilidades de reconstrução das identidades, da cidadania a quem cata papel e não tem papel, a arquitetura não tem comparecido nos discursos centrais ou periféricos, pois está sem papel também.

A PESQUISA PROPRIAMENTE DITA

Essa pesquisa é fruto de uma primeira visita a cinco galpões de triagem na grande Porto Alegre, em 2003, em companhia do educador popular Pedro Figueiredo, e tem por objetivo reavaliar os espaços de triagem dos resíduos sólidos, propondo alternativas e normas para melhorar a situação desses galpões.

Durante esse período foram realizadas visitas regulares a várias Unidades de Triagem de Resíduos Sólidos (UTRS) da grande Porto Alegre, revelando-nos uma realidade assustadora até então desconhecida para a maioria dos arquitetos. A pesquisa busca um enfoque metodológico

participativo, integrando catadores – experimentadores técnicos do setor de organização dos coletivos, representantes de Associações e da Federação dos Recicladores, em todas suas etapas, incentivando o protagonismo dos catadores. A abordagem multidisciplinar e transdisciplinar, sempre que possível, se dá envolvendo outras áreas da UFRGS, como a Faculdade de Comunicação, Educação, Administração. Por outro lado a articulação transdisciplinar é garantida pela parceria já existente e pelo trabalho que vem sendo realizado junto à FARRGS, contando ainda com a colaboração da Associação Profetas da Ecologia, e da ONG Centro de Assessoria Multiprofissional (CAMP). A pesquisa, enquanto produto final, pretende elaborar e distribuir uma espécie de cartilha didática de “como construir ou requalificar um galpão de triagem”, na qual se recolherá as sínteses dos resultados dos levantamentos da pesquisa traduzidos numa linguagem simples, direta e ilustrativa, podendo ser repassadas diretamente em suas bases de formação, aos catadores, ONGs, prefeituras e outros organismos institucionais.⁹

Quem já teve a oportunidade de conhecer um galpão de triagem de lixo sabe bem das condições de insalubridade e habitabilidade desses espaços. Hoje, o governo fala de investimentos em prensas, bancadas com esteiras, tudo para aumentar a produtividade, mostrando a superficialidade de seu conhecimento sobre o assunto. Colocamos na entrada as seguintes interrogações: para que servirá essa maquinaria colocada em espaços que nem têm condições muitas vezes de recebê-la? De que adianta esses equipamentos se não houver recursos para sua manutenção? Ou um treinamento para utilização dos mesmos? De que adianta esses equipamentos se não houver uma organização produtiva nesses espaços para recebê-los?

A convivência com as mulheres que trabalham nesses galpões, na mesa de triagem, ao final acabou por nos ensinar muito sobre a vida e reorientar a pesquisa, apontando novos rumos, novas soluções, ante necessidades até então desconhecidas para nós.

Acreditamos que a vivência e a convivência são o caminho para começar a entender o fenômeno. Estamos convictos que o espaço que eles mesmo constroem, aperfeiçoam, qualificam, conservam e descobrem é de vital importância no processo da cidadania, mesmo que muitas vezes eles não estejam cientes disso. Para nós existe uma relação muito direta entre corpo e arquitetura, entre espaço de trabalho e produção. Tudo passa pela arquitetura, pois enfim a arquitetura é o envoltório da existência.

O fenômeno da triagem é ainda recente para o conhecimento acadêmico, e os galpões que se formaram em todo Brasil, quer sejam eles construídos pelas municipalidades, ou pelas próprias associações de recicladores, nunca incorporaram um planejamento mais aprimorado do espaço. Nunca se preocuparam com as condições de habitabilidade, fecharam os olhos para a insalubridade. A administração desses espaços acabou se refletindo no próprio espaço da administração.

Não há até o momento nenhum trabalho referente ao tema

específico dos galpões de triagem desde qualquer ponto de vista arquitetônico. Os poucos trabalhos existentes sobre a triagem estão no campo da administração, economia, ciências ambientais, sociologia, psicologia e antropologia.

Entendemos finalmente que a arquitetura se constitui numa das mais antigas e eficientes máquinas produtivas, nela revelam-se todas as virtudes e insuficiências. Não negamos a importância das prensas, das esteiras rolantes, das disposições das mesas dentro do espaço de triagem, até porque é também atribuição dos arquitetos, mas compreendemos que o planejamento desses espaços, dessas funções, triagem, armazenamento fazem parte de um processo sociabilizante maior, e antecedem o equipamento. E que devem ou deveriam representar apenas a isca para o acesso à cidadania.

Inicialmente nossas primeiras anotações se centraram sobre o ponto de vista das condições arquitetônicas e tipológicas.

A maioria das Unidades de Triagem nunca tiveram projeto inicial. Tipologicamente, em sua maioria tanto as melhores como as piores são, em sua essência, um grande espaço coberto onde se dá a triagem e estocagem do material. Um galpão. Algumas compreendem instalações sanitárias precárias e um pequeno refeitório (mesa, cadeiras, fogão, pia). A disposição dos equipamentos da triagem muitas vezes é equivocada, por exemplo: as mesas de triagem em alguns galpões estão colocadas ao longo da parede e não perpendicularmente. Os galpões se organizam através de um zoneamento de triagem por núcleos ou manchas, espaços setorizados que não obedecem a uma lógica de produtividade mais apurada. Em muitos galpões há erros de encaminhamento de material desde a entrada até a saída.

O que inicialmente se tem observado é que esses galpões de triagem foram construídos de qualquer maneira, com péssimas condições estruturais e funcionais, alguns não passam de precários telheiros. Outros foram buscar nas preexistências urbanas, como os baixios dos viadutos ou prédios abandonados, o lugar para viabilizar o trabalho de triagem. Mesmo os galpões novos construídos pela Prefeitura de Porto Alegre – que acabaram aplicando indiscriminadamente um modelo determinado – são totalmente impróprios, e só favorecem uma linha produtiva fordista.

Os galpões, em sua maioria, possuem uma implantação bastante questionável, em terrenos acidentados, com declividade acentuada, ou partindo de um conceito inicial duvidoso que prioriza a carga e descarga do material trazido pelo caminhão, em detrimento do seu deslocamento e tratamento dentro do galpão. Praticamente todos eles copiam o funcionamento e organização espacial de um antigo modelo referencial desenvolvido inicialmente pela Prefeitura e o Departamento Municipal de Limpeza Urbana de Porto Alegre (DMLU).

Por exemplo, a Unidade de Triagem do Campo da Tuca, localizado no interior da vila de mesmo nome, é um dos mais precários em Porto Alegre. Na verdade não passa de um telheiro, instalado pelo DMLU, e

tem por característica incorporar jovens drogados em fase de reabilitação. O material fornecido pelo DMLU é em grande parte proveniente de lixo hospitalar. O conjunto da unidade praticamente ocupa todo o terreno, e sua lógica de organização articula-se topologicamente em desnível. Esse conjunto compreende um grande telheiro com estrutura de madeira na parte mais alta e um volume de alvenaria existente e ruinoso, onde se localiza a sala de reuniões, uma sala ateliê para fabricação de papel artesanal, um refeitório, sanitários em péssimas condições, sem nenhum revestimento nas paredes e pisos. Ao fundo localiza-se um outro telheiro onde se dá a prensagem e triagem do material hospitalar. Os sacos de lixo ficam a céu aberto, sobre a chuva e o sol, contribuindo na proliferação de bactérias e vírus. Alguns trabalhadores operam com luvas, mas não com máscaras. O galpão em seu conjunto não possui as mínimas condições de habitabilidade; existem goteiras, grandes infiltrações, umidade permanente, água misturada ao lixo, presença de ratos e baratas. Não existe um piso, apenas um contrapiso bastante rude. O beiral do telhado sobre as gaiolas é insuficiente e não o protege o lixo da chuva.

Outro ponto relevante é a falta de condições higiênicas em todas as unidades de triagem. A iluminação de trabalho em todos é equivocada, as zonas de triagem dos trabalhadores voltam-se todos para as aberturas localizadas frontalmente, provocando ofuscamento e cansaço visual. Não há iluminação artificial complementar, porque não há dinheiro para repor as lâmpadas. Na maioria das unidades trabalham poucas pessoas devido à falta de material, e também em consequência do dimensionamento incorreto dos próprios galpões. Parece-nos que a maior dificuldade que os galpões atravessam é a obtenção de material (lixo) fornecido pela Prefeitura.

A cada passo que avançamos fica cada vez mais nítido que sob a bandeira da ecomodernidade, da reciclagem, estabelecem-se relações de trabalho precárias. Muitas são formadas pelo manto da legalidade, mas escondem em seu interior os princípios predatórios do capitalismo. E o que se observa, amiúde, é que este trabalho é realizado por pessoas que não têm e nunca terão uma oportunidade de melhorar suas condições de vida e acabarão tendo de aceitar o trabalho que se apresenta nas associações como a última saída. "Quando falamos de reciclagens clandestinas, tratamos de configurá-la a um espaço onde o catador encontra as condições mais propícias para a sua sobrevivência, no entanto, ao inserir o catador em sua lógica recicladora, retira desses homens em pouco tempo sua vida, e o Estado vanda os olhos ao barbarismo que este serviço dito ecológico fornece à sociedade na forma de um serviço sujo e desclassificado, mas ao mesmo tempo, responsável pela reposição de 30% daquilo que adquirimos."¹⁰

Dos vários galpões de triagem que estudamos e analisamos, destacamos os seguintes: Associação Padre Cacique, Associação Profetas da Ecologia, Associação do Recicladores da Vila dos Papeleiros (AREVIPA), Associação de Reciclagem do Hospital São Pedro, Associação Catadores

Novo Cidadão, Centro de Estudos Ambientais da Vila Pinto (CEA),¹¹ o galpão de reciclagem da cidade de Dois Irmãos e Campo Bom.

Um dos primeiros galpões de triagem em Porto Alegre é da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Movimento de Moradores de Rua, também conhecido como o Galpão da Av. Padre Cacique. Foi através da mobilização de um grupo de moradores de rua juntamente com uma pedagoga que se desenvolveu a unidade de triagem que está em funcionamento há aproximadamente 5 anos, na cidade de Porto Alegre. A Unidade de Triagem (UT) tem uma excelente localização em um grande vazio da Av. Padre Cacique, via de principal ligação à zona sul de Porto Alegre e entre duas grandes edificações – a Escola de Samba Imperadores e o Estádio de Futebol do Internacional. Essa posição permite fácil acesso de caminhões e recebimento de material de várias empresas próximas. A UT recebe material de empresas privadas, tais como a Ouro e Prata Transportes, o Hospital de Clínicas, e não somente oriundas da coleta seletiva da cidade. Ela está inserida em uma comunidade que engloba moradia, trabalho e, futuramente, creche e refeitório para os filhos dos trabalhadores. Os associados, trabalhadores, são em número de 38 pessoas, 21 homens e 17 mulheres, na maioria de raça negra, de faixa etária de 20 a 30 anos, em média. Na época do levantamento (2004), dos trabalhadores do galpão, somente 8 viviam nas habitações da comunidade com suas famílias. Uma das vantagens da moradia próxima ao trabalho é a possibilidade dos trabalhadores fazerem suas refeições nas suas próprias casas, podendo cuidar dos filhos que não conseguem vagas em creches ou escolas, além da redução de custos com transporte.

A Unidade tem uma jornada de 24h, dividida em dois turnos. De acordo com os trabalhadores, autointitulados “devoradores de lixo”, o lixo proveniente da coleta seletiva que, esporadicamente, não é absorvido pelas outras unidades é distribuído a essa Unidade. Como resultado disso, utiliza sua capacidade máxima de produção, trabalhando incessantemente, inclusive aos sábados.

A Associação Profetas da Ecologia foi outro galpão pioneiro em Porto Alegre. Um número significativo de moradores da Ilha Grande dos Marinheiros possuíam uma tradição de trabalharem com o lixo da cidade de Porto Alegre. Diante da precariedade do trabalho e das condições que viviam essas pessoas, o irmão marista Antônio Cechin, a partir de 1985, iniciou o trabalho na Ilha Grande dos Marinheiros com esses trabalhadores. Preocupou-se no engajamento de diversas paróquias do centro de Porto Alegre com o objetivo de envolver, de forma efetiva, a população da cidade numa espécie de grande mutirão, onde todo o cidadão deveria ser responsável pela porção de resíduo que produzia. Vislumbrava, assim, as relações interpessoais entre os produtores de lixo e aqueles que vivem dele. Em 1994, criou-se a entidade Profetas da Ecologia, com a perspectiva de articular em torno de si todas as iniciativas de trabalho sobre o lixo que fossem surgindo. O Galpão Profetas da Ecologia surgiu de uma tentativa



Padre Cacique: vista das habitações



Padre Cacique: banheiros



Profetas da ecologia: plantas e cortes



Profetas da ecologia



Profetas da ecologia



Profetas da Ecologia



Profetas da Ecologia



Profetas da Ecologia

de aglutinação desses carrinheiros, sob a liderança de um militante evangélico, diante da dificuldade de um espaço adequado para fazer o trabalho de separação do lixo. Decidiu-se, então, ocupar um pequeno espaço nos baixios dos viadutos da entrada da cidade, uma área residual caótica gerada pela implantação dos emaranhados dos viadutos e da rede férrea do *trensurb*. O lugar é também conhecido como o “Viaduto da Sertório”, perto do *Shopping DC Navegantes*, que na época, se propunha a construir uma praça nesse local. Nesse espaço ficava a Vila Tripa. As 60 famílias que moravam ali foram transferidas para o Rubem Berta, deixando vago aquele lugar. Resolveu-se ocupar o espaço com esse grupo de carrinheiros para montar o galpão, e imediatamente apareceu uma ordem de desocupação do terreno. O novo galpão tinha o desafio de aglutinar, numa produção comum, esses trabalhadores que historicamente trabalharam de forma individual. O objetivo era seduzir para o trabalho coletivo, através de algumas formas que pudessem agregar um pouco mais de valor ao produto separado, como por exemplo: o uso coletivo de uma prensa, a venda coletiva, o pagamento da energia rateado entre os beneficiados, alimentação coletiva. De lá para cá muito mudou.

O Profetas da Ecologia é autogestionável e vive unicamente dos lucros da triagem do lixo, uma renda que varia de R\$ 150,00 a R\$ 300,00 por mês para cada trabalhador. Oscila conforme as cargas de lixo disponibilizadas pelo DMLU. Tudo oscila nesses galpões. O número de associados também, entre 15 a 25. A maioria deles vive nas vilas próximas e alguns em péssimas condições de moradia. O nível de escolaridade varia, também, entre os mais jovens; alguns têm o segundo grau completo; os adultos, em sua maioria, só têm o primeiro grau e outros nem sabem escrever.

O galpão recebe o lixo da Coleta Seletiva da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e os trabalhadores separam cerca de 15 tipos diferentes de materiais. São toneladas de lixo por dia. Os fardos são vendidos quinzenalmente, e a cada partilha o trabalhador recebe R\$ 150,00 em média, que depende do resultado da produção coletiva e de suas horas trabalhadas. A carga horária é de oito horas diárias. Atualmente, quem organiza o galpão é o Vice-Presidente da Associação, o Sr. Antonio Pedro Figueiredo e a Sra. Eliane Nunes Peres, ex-Presidente da FARRGS. As coordenações são rotativas e eleitas em reuniões. Os trabalhadores são, em sua maioria, mulheres. Como na maioria dos galpões, resta aos homens o serviço de carregar as bombonas e os *bags*, bem como a operacionalização da prensa. Também é escolhida uma cozinheira, entre as trabalhadoras, para preparar o almoço e o café. O segurança mora em um quarto nos fundos.

As atuais condições de habitabilidade e higiene do conjunto arquitetônico do Galpão do Profetas são bastante desfavoráveis. Há um grande galpão com mezanino, que foi construído durante a fundação da Associação e está em condições razoáveis, e que abriga o grande salão da triagem, a cozinha, o refeitório e um mezanino com salas. Porém, esse

galpão não é apropriado para a triagem de lixo que realizam, pois apresenta iluminação e ventilação insuficientes. A cozinha de tijolo à vista se apresenta sem revestimentos nas paredes, sem pinturas, com piso cerâmico quebrado e ainda com problemas de vazamento das tubulações de água servidas do banheiro que fica no segundo pavimento. Era escura e parecia pouco higiênica, mas hoje mudou um pouco graças às pequenas reformas que fizemos. Ao lado, situa-se um pequeno refeitório onde costumam fazer as refeições e as reuniões da partilha. Mas, infelizmente, ele se abre diretamente para a zona de triagem e estocagem do lixo, onde proliferam ratos e baratas. Nesse mesmo prédio, no segundo pavimento, no mezanino, situa-se uma sala de aula e uma sala administrativa em estado satisfatório, e dois banheiros que estão interditados. Aos fundos desse galpão, estão os sanitários-vestiários, e o quarto do vigia, localizados num pequeno prédio, quase em ruínas, em estado lamentável de higiene e habitabilidade, disputando o espaço com os *bags* cheios de lixo triado, que se amontoam no pátio dos fundos.

Na parte da frente do conjunto, embaixo dos dois viadutos que passam por cima do terreno, existem, além do galpão, duas edificações que fazem parte de um acordo entre o Profetas e o Projeto Integrado Entrada da Cidade (PIEC) da Prefeitura Municipal. Um dos prédios é chamado de “box”. São dez cubículos, “garagens” que serviriam para que os carrinheiros das vilas próximas pudessem separar o seu lixo, sem levá-lo para suas casas. A outra edificação é onde deveria funcionar um novo galpão de triagem. Nenhum dos dois projetos foi executado até o final: apenas três “boxes” cumprem sua função e o novo galpão não tem nada além de paredes. Muito dos sacos de lixo são colocados a céu aberto, sobre a chuva e o sol e, curiosamente, esse lixo muitas vezes é hospitalar, por falta de espaço de armazenagem e de uma melhor administração.

Este “novo conjunto” conta ainda com dois banheiros (box e sanitários), também inacabados. Este pátio de entrada, como não é pavimentado, nos dias de chuva costuma ficar um lodo. Muitos materiais, sucatas principalmente, são empilhados ao ar livre à espera de comprador, juntamente com as garrafas, latas e vidros quebrados. Tudo muito caótico, onde só o lixo parece reinar.¹²

Por outro lado, o galpão de triagem de resíduos sólidos da Associação de Reciclagem Hospital São Pedro é um dos blocos que fazem parte complexo de edifícios do Hospital Psiquiátrico São Pedro, localizado na Av. Bento Gonçalves, 2440. Trabalham nele, atualmente, 28 pessoas, sendo 18 pacientes do hospital – que se utilizam do trabalho no galpão como terapia e tratamento – e 10 moradores da comunidade Vila São Pedro, localizada próximo ao Hospital. São, em sua maioria, homens – 16 homens e 12 mulheres.

Os materiais com os quais a Associação trabalha vêm de diversas procedências – DMLU, órgãos públicos (Secretaria da Fazenda, Polícia Rodoviária Federal) e privados (Citybank, Atlas, Carrefour, Fabico – UFRGS,



Profetas da Ecologia



Arevipa: planta baixa



Arevipa: corte



Arevipa: interior galpão



Arevipa: construções telheiro



Arevipa: pessoal trabalhando



São Pedro: vista externa. Gaiolas



São Pedro: galpão. Fachada principal



São Pedro: interior

Banrisul) – e são de tipos diversos – papel, papelão, plástico, alumínio, vidro, sucata e isopor. Por haver a possibilidade de jornadas de trabalho diferenciadas, a rentabilidade por trabalhador varia entre R\$ 150 a 160 por pessoa por mês - salário base dos que trabalham só durante o turno da manhã – e R\$ 340 a 390 por pessoa por mês – para aqueles que trabalham nos turnos da manhã e da tarde. Cabe apontar que pelo trabalho no turno da manhã, a renda é dividida igualmente por todos. Os que trabalham no turno da tarde ganham por hora trabalhada.

O galpão se situa numa parte baixa dentro do grande terreno do Hospital São Pedro, à esquerda de quem entra vindo da Av. Bento Gonçalves, numa zona mais ao fundo, após o prédio histórico e os pavilhões dos pacientes. Essa microrregião é arborizada e, dado o relativo distanciamento entre as edificações circundantes, recebe sol durante boa parte do dia.

O acesso a pé é feito por uma escada que vence o desnível da parte alta – entre os pavilhões – e o local onde está instalado o galpão de triagem. Essa escada é simples, ao ar livre, sem corrimão e ladeada por um vasto gramado que acompanha a topografia. O acesso de veículos é feito por uma rampa de paralelepípedos que serpenteia vencendo a diferença de cota chegando longitudinalmente ao lado do galpão – posição favorável aos veículos que farão descarga de material para dentro das gaiolas e aos que buscam o material triado. Há espaço suficiente para manobras de chegada e saída.

A Associação propriamente dita fica instalada numa edificação de 1 pavimento, configurada por um bloco alongado retangular de quase 60 metros em sua maior dimensão, 17,90 metros na menor e anexado por 3 blocos pequenos nos maiores panos de parede: dois blocos de banheiro de 6,70 por 8,87 metros no lado oposto ao do acesso de pedestres e veículos e um outro que não conseguimos precisar o uso, ao lado das aberturas de deposição do material nas gaiolas.

A altura da cumeeira do bloco principal é de aproximadamente 6,80 metros, diferentemente dos blocos anexos que é de cerca de 4,70 metros. Com isso, o bloco maior não compartilha telhado com os blocos anexos, limitando-se a lançar suas águas sobre as coberturas mais baixas. As telhas utilizadas tanto no grande prisma quanto nos anexos são de fibrocimento. Os telhados dos blocos menores são estruturados todo em madeira e, no caso do bloco maior, para vencer o grande vão do galpão foi utilizada estrutura mista de tesouras metálicas e terças de madeira.

A solução estrutural de toda edificação – incluindo os blocos anexos – é feita em alvenaria portante de 25 centímetros de espessura. Externamente as alvenarias são rebocadas e pintadas de um bege bem clarinho na parte superior e na parte inferior de verde escuro – nas fachadas que ficam de frente aos acessos de pedestre e veículos. As outras duas fachadas, “de fundos”, tem pintura igualmente bege clara na parte superior e uma fina faixa à igual distância entre o chão e o peitoril das janelas de cor laranja terrosa. Em alguns pontos, principalmente na empena que dá

acesso às baias de armazenamento do lixo que chega de fora há alguns arranhões e pequenas quebras no reboco – neste caso possivelmente pela inabilidade do motorista que roçou na parede ao encostar o veículo para descarregar. Internamente as paredes também são rebocadas, porém pintadas todas de uma única cor, o mesmo bege clarinho da parte externa.

O espaço destinado aos trabalhos da Associação é um pouco menor que a metade de toda a edificação, dando a sua planta baixa o aspecto de um retângulo atarracado, quase um quadrado. Fica dentro deste espaço o acesso a um dos blocos de banheiros, o único por eles utilizado. Os outros quase 60% da área da construção são possivelmente utilizados para atividades com os pacientes do Hospital Psiquiátrico, dada a arrumação em seu interior. Não vimos, nas visitas realizadas, atividades ocorrendo neste espaço. A subdivisão do grande espaço abrigado pela mesma cobertura é feita por painéis de madeira a meia altura, não chegando a tocar as treliças metálicas.

Há, no espaço de triagem, oito janelas do tipo basculantes de aproximadamente 3 metros de altura por 1,80m de largura e três aberturas correspondentes às gaiolas, duas com aproximadamente as mesmas dimensões das janelas e uma um pouco maior. Essas aberturas possibilitam abundante iluminação no interior do galpão e eficaz ventilação cruzada – aspectos relevantes num espaço onde é importante expulsão dos odores desagradáveis e clareza na visualização do material manipulado sem excessivo gasto de energia elétrica. Auxiliam na ventilação do espaço inúmeros exaustores metálicos instalados no telhado. As aberturas dos banheiros são também basculantes, porém de menores dimensões e mais altas.

Internamente, a baia de armazenamento de papéis – de 4,30 x 8,96 metros, delimitada por grades metálicas e subdividida em baias menores – está no centro da planta, como ilha, e todas as atividades ocorrem ao seu redor. Entre esta e as gaiolas de armazenamento do lixo que chega da rua estão dispostas quatro mesas de triagem de diferentes dimensões e materiais – três metálicas 1,90 x 0,90 x 0,85 metros e uma de madeira de 3 x 1,20 x 0,72 metros – rodeadas por 51 bombonas. A maneira como é feita a disposição e renovação do lixo nas gaiolas – o lixo que chega é sempre depositado no alto da gaiola e o que será triado é retirado sempre de baixo – impede que ele permaneça ali por muito tempo e fique mal cheiroso. A proximidade com as gaiolas torna o trabalho de triagem mais ágil. Retirado da gaiola, o lixo é triado nas mesas, separado nas bombonas e acumulado nas baias específicas por tipo de material antes de ser prensado.

No lado oposto ao do trabalho nas mesas de triagem, ao lado da baia para papéis e do bloco de banheiro, ficam as máquinas de picotar papel. O espaço é bem iluminado e, pela proximidade com as baias de armazenamento e da prensa, torna ágil o trabalho. O papel picotado cai no chão e é trazido para dentro das baias com o auxílio de um ancinho de varrer gramado. Logo ao lado fica a entrada para os dois banheiros



Novo cidadão: baixios do Viaduto da Conceição



Centro de Estudos Ambientais: centro social



Centro de Estudos Ambientais: carga e descarga



Centro de Estudos Ambientais



Dois Irmãos: interior galpão



Campo Bom: esteira

do bloco anexo. Um dos banheiros é plenamente usado como depósito de materiais, o outro divide a função de depósito de papeis, sacolas e isopor com a de instalações sanitárias. Neste segundo não há qualquer tipo de separação entre masculino e feminino: ambos usam o mesmo espaço. Em planta, este banheiro é um retângulo de proporção próxima a 1,5 por 1 (4,10 x 6,50 metros) e sua entrada é por um dos lados menores. Encostados nas paredes maiores estão dois renques de boxes a meia altura em alvenaria de 25 cm de espessura, deixando um corredor central para o trânsito de pessoas. Todos os boxes da esquerda são usados como depósito e apenas os da direita possuem bacias sanitárias. Não é bom o estado geral de conservação e limpeza, estando, dos três vasos sanitários existentes, dois em uso e um inutilizado – o interior dos em uso tem os pés das alvenarias escuras de sujeira, umidade e musgos. Há somente um lavatório comprido em alvenaria, com duas torneiras de plástico, negro de sujeira e com aspecto de mictório. Não há nenhum chuveiro. A consequência é que após horas de trabalho físico (fadiga, suor) mexendo com lixo (odores ruins) os trabalhadores não têm sequer a possibilidade de escolher se querem banhar-se após o expediente ou não. Todo o piso é revestido de bloco cerâmico vermelho fosco que se apresenta mais bem conservado no corredor que dentro dos boxes de vaso sanitário. Do lado oposto de quem entra, na outra parede de menor dimensão do retângulo, há uma janela basculante que ilumina e ventila o banheiro.

Ao lado das baias de armazenamento de lixo que chega da rua e das mesas de triagem, no lado oposto ao do painel que divide o espaço do galpão com o das atividades do Hospital, estão instaladas a cozinha e um pequeno escritório da Associação. Estas duas saletas – que têm, somadas, 29m² são fechadas por painéis de madeira, configurando um bloco retangular coberto dentro do grande espaço do galpão. Esses painéis têm pequenas aberturas para dentro do espaço de trabalho que permitem apenas a passagem de luz. A cozinha – bem iluminada e ventilada com amplas janelas – possui fogão, geladeira, pia, balcão e mesa com cadeiras, configurando-se como, além de um local de repouso nas pausas ordinárias para o café – às 15 horas – local de sociabilização e troca de idéias. Na cozinha também há um ponto para marcação das horas trabalhadas dos que esticam a jornada no turno da tarde. Ao lado da cozinha fica o espaço do escritório com balcões, armário e um cofre. Bem ao lado do espaço da cozinha e do escritório ficam as baias de armazenamento dos plásticos – baias de área equivalente à área das baias de armazenamento de papéis. Por ficar no mesmo espaço da triagem e do depósito de lixo, separado apenas por painéis das zonas de trabalho e armazenagem, é possível que o cheiro e até mesmo baratas ou ratos cheguem com facilidade a esse espaço. É importante salientar que a cozinha é usada apenas para lanches rápidos e um cafezinho – os pacientes almoçam nas dependências do Hospital e os moradores da Vila São Pedro, pela proximidade, almoçam em casa.

O piso do galpão é todo em granitina, placas de 1 x 1 m, as

instalações elétricas estão em boas condições, passando por eletrodutos aparentes. Como auxílio na iluminação do galpão, estão instaladas luminárias de lâmpadas fluorescentes. Há, como medida preventiva à incêndios, três extintores. A Associação de triagem do Hospital São Pedro possui uma prensa de 110 x 60cm e uma balança de 85 x 60cm.

Os fardos prensados e prontos para venda são estocados dentro do espaço do galpão. Em momentos de grande estoque de fardos o trânsito de pessoas fica dificultado, além da já existente dificuldade natural causada pela desordem e quantidade de materiais espalhados no interior da edificação. Os fardos ficam encostados ao lado da parede divisória entre os dois espaços da Associação e do Hospital, ao lado de uma porta de dimensões suficientes para retirá-los.

A Associação dos Recicladores da Vila dos Papeleiros (AREVIPA) tem como endereço a Rua Voluntários da Pátria, 1800, centro de Porto Alegre. Porém, quem a procura tendo como referência somente seu endereço, possivelmente não a encontrará. A unidade de triagem de resíduos sólidos situa-se, de fato, na Rua Paraíba, entre a Avenida Farrapos e a rua Voluntários da Pátria, mais próxima à Voluntários do que da Farrapos. Essa dificuldade de precisar seu endereço vem dos deslocamentos sucessivos do espaço de trabalho – antes, na rua Voluntários da Pátria, quase dentro da Vila dos Papeleiros, e agora na nova área de triagem localizada na rua Paraíba.

Trabalham na AREVIPA os moradores da Vila dos Papeleiros que viviam da catação informal de materiais recicláveis. Eles recebem material da coleta seletiva através do DMLU e dos inúmeros catadores que, dispendo do carrinho tracionado pela sua própria força física ou utilizando tração animal, levam para lá o material coletado nas ruas da zona central de Porto Alegre.

As construções destinadas à triagem do lixo se situam num terreno regular plano, retangular, de dimensões aproximadas de 105m x 35 m. Divide-o da rua, em sua testada longitudinal, um muro branco de meia altura – cerca de 1,80m de altura – com duas aberturas, que são as entradas para o terreno e para as edificações nele contidas.

Para diferenciar as construções, chamaremos uma delas de galpão e a outra de telheiro. O galpão abriga as atividades coletivas de triagem, o telheiro é destinado à atividade de triagem individual dos carrinheiros. O galpão é uma edificação térrea configurada, em planta, por um bloco retangular de relação quase 2 pra 1 (46 metros de comprimento por quase 25 metros de largura) subtraída de uma porção próxima a 1/8 de toda a área da planta num dos cantos. A percepção espacial que se tem estando em seu interior é a de dois blocos retangulares compridos, um deles relacionado com os grandes portões – um de acesso dos caminhões que chegam da rua com material a ser triado para o interior do galpão e o outro que o liga com o espaço do telheiro – terminando na parede oposta à da abertura que o relaciona com o telheiro. Percebe-se o outro grande e comprido retângulo como um volume todo recortado, anexado e subtraído

de volumes menores que o tornam descontínuo, relacionado com o outro retângulo virtual pelo seu lado de maior comprimento. Nesse estão inúmeras saletas, espaço onde estão dispostas as prensas e a cozinha.

Essa diferenciação na percepção do interior do galpão se acentua pela disposição do telhado – uma sucessão de grandes tesouras apoiadas numa seqüência de pilares definindo o primeiro retângulo e um telhado de estrutura e águas mais baixas definindo o outro. A solução estrutural de toda a edificação é feita em pilares de tijolos maciços. Os fechamentos são em alvenaria de tijolos. Ambos, fechamento e pilares, apresentam-se mal rebocados, com trechos mostrando os tijolos, além dos inúmeros riscos e pedaços quebrados. O galpão é pintado de branco externamente. Internamente é pintado de cinza na parte inferior (até cerca de 1,90 metros de altura) e branco na parte superior. A pintura fica prejudicada pelos muitos desenhos, pichações e pela sujeira ali presentes.

O telhado é todo estruturado em madeira. Ainda que protegendo o mesmo espaço de trabalho, o alto e contínuo telhado em duas águas – onde se sucedem as grandes tesouras pintadas de branco, com terças e caibros também em madeira pintados de branco – se diferencia do telhado contíguo, de estrutura em duas meias tesouras, lançando suas águas para uma calha central e de inclinação mais suave. As telhas são de fibrocimento com algumas translúcidas, possibilitando melhor iluminação na área de trabalho.

Há, na alvenaria voltada para a rua, quatro grandes janelas altas (também voltadas para a rua) compostas de pequenas lâminas de vidro fixas que deixam iluminar, mas não possibilitam a circulação de ar. Suas dimensões são de 1,45m de altura por 1,90m de largura e estão a 3m do chão. As grandes aberturas e as telhas translúcidas trazem uma boa iluminação para o interior do galpão, facilitando a manipulação do material sem a necessidade de excessivo gasto de energia elétrica. Porém, como as janelas não permitem a troca de ar, como não há nenhum tipo de mecanismo de ventilação pelo telhado e como as únicas aberturas existentes são os grandes portões de acesso localizados em uma das extremidades do galpão, a retirada dos odores desagradáveis provenientes do lixo e a necessária ventilação que torna a sensação térmica no espaço de trabalho mais agradável ficam muito prejudicadas. Assim, o galpão fica abafado e com o cheiro do lixo concentrado.

O piso de todo o galpão é de grandes placas de concreto que se encontram quebradas em inúmeros pontos. O acesso de quem vem a pé e dos veículos vindos da rua trazendo o lixo da coleta seletiva é feito por uma grande abertura de 4,45m de altura por 3,50m de largura posicionada num de seus maiores panos de parede. Fica à esquerda dessa entrada a gaiola de armazenagem do material a ser triado, e, à direita, o pequeno bloco retangular coberto, dentro do grande espaço do galpão, destinado a duas salas que funcionam como saletas de escritório. Passando pela gaiola de armazenagem do material e pelas quatro mesas de triagem – rodeadas pelas bombonas – chega-se a um grande espaço vazio, ladeado

pela sucessão de pilares que sustentam as tesouras do telhado, onde se dispõem os *bags* que separam o material triado e os fardos à espera de compradores. A gaiola é de madeira e de tela metálica, tipo tela de galinheiro, com as seguintes dimensões: 9m de comprimento, 2,15m de largura e 4,45m de altura, sendo que a sua base, de onde se extrai as sacolas de lixo, está elevada a 1,15m (o ponto mais alto) e 85cm (o ponto mais baixo, que é onde as mesas de triagem estão apoiadas) do chão. A parte superior da estrutura da gaiola é fixada na tesoura do telhado. As três mesas de triagem estão apoiadas, de um lado na saída das sacolas de lixo da gaiola e, de outro, em cavaletes de madeira. Têm elas, aproximadamente, 2 x 1,10m e altura de 1m. As mesas de triagem são de madeira e não têm nenhum tipo de proteção que facilite a limpeza de seu tempo.

Chegando nos caminhões do DMLU, o lixo é lançado nas gaiolas por cima. Sendo retirado por baixo, ele é triado nas mesas, separado por tipos nas bombonas e acumulado nos *bags*. Dos *bags* o material vai direto para a prensa. Pressado, espera em área de armazenamento antes de ser comercializado. A maneira como é feita a disposição e renovação do lixo nas gaiolas – o lixo que chega é sempre depositado no alto da gaiola e o que será triado é retirado sempre de baixo – impede que ele permaneça ali por muito tempo e fique malcheiroso. A proximidade com as grandes sacolas e a facilidade de movimentação delas torna o trabalho mais ágil.

No lado oposto de onde estão as duas saletas de escritório e onde está encostada a gaiola de armazenamento do lixo a ser triado estão algumas salas, banheiros e a cozinha, além do espaço onde ficam duas das três prensas do galpão. Essas salas – de janelas voltadas para o interior do galpão e com um pequeno banheiro com um vaso sanitário e um lavatório, acessado só por essas salas – são pouco utilizadas. Somente armazenam garrafas de vidro e são usadas para troca de roupa. O outro banheiro é bem iluminado, ventilado e está em boas condições de uso. Suas paredes são de reboco pintado de branco e o piso é azulejado. Este banheiro dispõe dos seguintes equipamentos: dois lavatórios, dois sanitários e um chuveiro (não temos certeza se o chuveiro estava sendo usado, pois havia objetos pessoais em seu box). A cozinha, acessada por um pequeno corredor, tem 6,15 x 6,62 metros e dispõe de bancada metálica com duas pias, fogão de quatro bocas em bom estado e com o botijão de gás posicionado bem ao seu lado, um grande nicho na parede (que é uma generosa churrasqueira), uma mesa de madeira, cadeiras e um pequeno armário. Há nela janela basculante que possibilita suficiente iluminação sem o uso de energia elétrica. As paredes são todas azulejadas, de cor bege clara. O piso é de cerâmica bege um pouco mais escura que a parede e o teto é acabado com forro de madeira branco. Todos esses acabamentos estão em boas condições, não apresentando danos. A iluminação artificial é feita através de lâmpadas fluorescentes.

Chamamos de telheiro o grande espaço protegido que fica quase

encostado bem ao lado do galpão, ambos se relacionando através das faces menores de suas plantas, dispostos lado a lado longitudinalmente. O telheiro, em planta, configura-se como um retângulo mais alongado e estreito que o galpão e é construído de vigas e pilares pré-fabricados em concreto armado sem nenhum tipo de fechamento ou de divisórias internas. Os pilares são modulados – doze peças afastadas de 5 em 5 metros no eixo. A projeção da grande cobertura é de 56,50 x 16,50 metros e o vão vencido pelas vigas é de 14 metros, excetuando-se os beirais. Estruturam o telhado, além das vigas de concreto armado pré-fabricado, terças de madeira. Por não haver divisórias internas, o espaço configura-se realmente como um telheiro e ficam facilitadas a ventilação e a iluminação da zona de trabalho. As telhas dessa cobertura são de fibrocimento e algumas são translúcidas para facilitar a iluminação.

O telheiro possibilita necessária proteção da chuva e da incidência direta do sol. Nos dias de verão, mais quentes, fica o espaço ventilado e fresco. No inverno não há proteção suficiente para barrar o frio. Há iluminação artificial feita por quatro linhas longitudinais de luminárias de lâmpadas fluorescentes, sustentadas por pequenas calhas metálicas perfuradas. O piso, extremamente sujo, é o mesmo do galpão, construído com grandes placas de concreto. A dinâmica da produção aí se dá da seguinte maneira: os carrinheiros recolhem o material reciclável do centro da cidade e dos bairros vizinhos, levam-no até o telheiro onde é triado nas mesas – ou em algo equivalente – e depois de separados, vão para a prensa. Os fardos prensados aguardam a comercialização com os atravessadores.

O aspecto geral deste local de trabalho é de uma bagunça generalizada. São muitas sacolas de lixo, carrinhos, fardos, mesas de triagem, coisas parecidas com mesas de triagem e inúmeros homens e mulheres para todos os lados trabalhando, indo e vindo num ritmo intenso. Entram e saem pessoas com seus carrinhos a todo momento. Chegam com elas suas crianças pequenas que, pela impossibilidade de seus pais colocarem-nas em lugar mais adequado, ficam por ali, catando coisas para brincar nos montes de lixo e de sacolas plásticas, as quais não se sabe a procedência ou que tipo de surpresa podem trazer. Circulam ainda cachorros sarmentos e doentes. Tudo isso num espaço onde fica difícil, para quem vem de fora, definir onde começa ou termina o espaço de trabalho de um grupo, quais são os materiais para triagem deste ou daquele trabalhador. Fica difícil distinguir qual é a ordem por eles estabelecida para esse grande espaço de trabalho.

Existem ainda, ao redor do telheiro, alguns puxados – pequenas áreas cobertas que também têm a mesma finalidade do telheiro: triar o lixo trazido de carrinho das ruas. Um deles fica logo ao lado da entrada de quem vem da rua e acessa essa parte do terreno onde fica o telheiro. Ao seu lado fica uma casinha de madeira pintada de verde que serve de guarita. Outro grupo de puxados fica próximo ao galpão. Há também uma pequena edificação de meia água que serve de banheiro para os

que trabalham no telheiro. São banheiros masculino e feminino, com alguma iluminação e ventilação feita por janelas basculantes, porém extremamente sujos. Não podemos perceber qualquer higiene no local durante a visita. Chão imundo, vasos sanitários idem. As paredes externas, bem sujas, apresentam grandes manchas de umidade ascendente. Uma espécie de terreiro liga a entrada lateral – de acesso da rua – com o telheiro, o puxado de triagem e a construção do banheiro. Esse terreiro é parte de concreto, parte de terra batida, e muito de sujeira. Ficam nele estacionados alguns carrinhos, dormem cachorros à sombra, ficam espalhadas algumas sacolas de lixo, correm crianças brincando, por ele chegam e saem pessoas.

Essa pesquisa procura evidenciar não só as piores situações, mas também as mais favoráveis. As melhores Unidades de Triagem em termos de produtividade, paradigmáticas, no Rio Grande do Sul, são a *Associação de Recicladores de Dois Irmãos* e a *Associação de Recicladores de Campo Bom*. Estabelecendo um comparativo entre as duas Unidades visitadas, nota-se a existência de duas características principais que tornam as unidades distintas: suas respectivas localizações e a existência ou não da coleta seletiva. As duas unidades se encontram fora do perímetro urbano, não se integrando com a cidade e, principalmente, excluindo a possibilidade de ser um condensador social, o que não ocorre com os galpões de triagem de Porto Alegre, quase todos localizados no perímetro urbano, e alguns em zonas quase centrais, como o Profetas da Ecologia e a antiga Associação Catador Novo Cidadão, localizado nos baixios do viaduto da Conceição.

A Unidade de Campo Bom está localizada junto ao aterro sanitário da cidade, em terreno amplo (aproximadamente 50 hectares), enquanto o galpão de Dois Irmãos está condicionado a um terreno mais acidentado e menor, também próximo ao aterro sanitário da cidade. Em Campo Bom não existe coleta seletiva, ao passo que em Dois Irmãos esta é feita há dez anos. Essas diferenças acarretam distintas estruturas de funcionamento e disposições de espaço.

Tanto a Associação de Dois Irmãos quanto a de Campo Bom funcionam como prestadoras de serviços das respectivas Prefeituras. Na Associação de Dois Irmãos, todos os trabalhadores dividem igualmente o faturamento e contribuem para o INSS. Os cooperativados dividem 60% do faturamento e os 40% restantes são destinados a investimentos. A manutenção dos equipamentos cedidos pela Prefeitura se dá através de verba mensal da Prefeitura à Cooperativa. Dessa maneira, a Cooperativa já adquiriu dois caminhões, uma retroescavadeira e uma prensa para alumínio. Ambas as Unidades têm isenção no fornecimento de energia elétrica e água, através de subsídios das Prefeituras, o que em Porto Alegre não acontece na maioria das Associações. A origem do fornecimento de material das duas Unidades é a mesma. O lixo é recolhido nas cidades e entregue nos galpões através de caminhões das Prefeituras. Dentre as semelhanças nas Unidades pode-se citar a jornada de trabalho de 8 horas,

a utilização de equipamentos de proteção na triagem, como luvas e aventais, e a venda do material triado feita diretamente para indústrias, sem atravessadores.

O salário dos trabalhadores da Associação de Dois Irmãos varia de R\$ 800,00 a R\$ 1.000,00, o dobro da remuneração dos cooperativados de Campo Bom, decorrência de uma coleta seletiva bastante eficiente. Além disso, a Associação de Dois Irmãos possui equipamentos de beneficiamento como aglutinadores de plástico, facilitando a venda dos produtos e a eles agregando valor.

A quantidade de trabalhadores difere, basicamente, em função do processo adotado. Em Dois Irmãos, 18 pessoas realizam todos os trabalhos. Em Campo Bom é necessário um maior número de pessoas (35 trabalhadores) já que o material fornecido não é selecionado, vem lixo orgânico e seco tudo misturado, sendo necessário uma linha de triagem mais numerosa. O perfil dos trabalhadores é muito semelhante em ambas Unidades de Triagem. Todos são de cor branca, descendentes da imigração germânica e italiana, dotados de escolaridade média, ex- trabalhadores da lavoura e das indústrias. Percebe-se também uma quantidade reduzida de mulheres, caso diferente das Unidades da Grande Porto Alegre. Embora afastada do perímetro urbano de Dois Irmãos, a Associação se abre à comunidade de forma mais representativa. Há um freqüente recebimento de livros e roupas, que a Associação faz questão de retornar à população através de doações.

A Unidade de Triagem de Dois Irmãos é um galpão já existente, em estado de má conservação, cedido pela Prefeitura. Em Campo Bom, a Prefeitura realizou e executou projeto para abrigar a Unidade ao lado do aterro sanitário. Um ponto principal das Unidades é a questão do acesso de carga e descarga de material pelos caminhões. Em Campo Bom, a acessibilidade se dá de maneira muito eficaz com base na implantação que contemplou a realização de infra-estrutura viária. Em Dois Irmãos, existem problemas sérios quanto à descarga de material, tanto pela área insuficiente para manobra do caminhão quanto pela via de acesso para carga e descarga. O caminhão precisa entrar dentro do galpão para descarregar.

Em Campo Bom as atividades são separadas por edificações, ao passo que em Dois Irmãos há uma única edificação cujo espaço é precário e insuficiente para realização de todas as funções necessárias.

Ambas as Unidades têm prédios rebocados e pintados, porém em péssimo estado de conservação. As instalações sanitárias em Dois Irmãos estão em bom estado, mas em número insuficiente para a demanda (um chuveiro, um lavatório e um vaso sanitário). Em Campo Bom, apesar de existir uma infra-estrutura de qualidade, as instalações não apresentam bom estado de conservação – o principal problema aparenta ser limpeza. As refeições em Campo Bom são feitas em um bloco isolado, afastado da Unidade de Triagem. O fornecimento é feito por uma empresa terceirizada. Em Dois Irmãos, a cozinha está na mesma edificação que a área de

triagem. As refeições são feitas no próprio local, com revezamento de preparo pelos trabalhadores.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos, finalmente, que uma análise dos galpões e dos critérios para elaboração de um projeto deva passar pelos seguintes itens: número de trabalhadores envolvidos, horas de trabalho, forma de divisão dos lucros, volume de lixo trabalhado, relação de horas trabalho/rentabilidade (ou seja produtividade e benefícios sociais, crescimento e desenvolvimento humano), condições arquitetônicas do edifício quando já existente, adequação ao terreno, topografia, acessibilidade de pedestres e de caminhões, sistema de carga e descarga, trajetória e deslocabilidade do lixo e de suas classificações dentro do Galpão, bem como avaliação dos equipamentos quanto a localização e características de uso (mesas, bancadas, esteiras, balanças, elevadores). Além desses, pode-se incluir: avaliação quanto a insolação, iluminação natural e artificial, ventilação, condições de habitabilidade e conforto térmico, temperaturas, umidade, ruído, cheiros, odores, contato com material tóxico, normas de segurança com relação a maquinaria, etc., assim como condições dos materiais utilizados na construção em pisos e paredes (laváveis, antiderrapantes, estanqueidade, etc.), normas de segurança de incêndio e, principalmente saúde.

Finalmente, para uma análise dos galpões, deve-se considerar ainda: avaliação dos espaços comuns (como refeitórios, salas de atividades, escritórios administrativo), paredes impermeáveis e laváveis, pontos de água, ralos e tomadas para fogão, geladeira, lavadoras, eletrodomésticos, definição normativa quanto ao programa de necessidades básico, dimensionamento para os usuários e fluxos, doca de carga e descarga, locais para armazenagem, definição de parâmetros de iluminação, como altura de luminárias, locais de aberturas de janelas, efeitos de ofuscamento, sugestões de colocação de equipamentos, formas de agrupamento e estocagem dos materiais triados, os melhores formatos das gaiolas e materiais constitutivos e da preferência a elementos arquitetônicos como rampas, monta-cargas em oposição a escadas que dificultam o deslocamento das cargas.

No universo dos galpões de triagem, após um ano de convívio, foi possível perceber que há uma série de razões e necessidades que vão muito além da arquitetura. Antes mesmo de chegar à questão espacial – que sem dúvida é muito desumana para esses galpões – existem muitos obstáculos de cunho cultural, administrativo, de gestão e da psicologia do ser humano.

Entre esses obstáculos, está o senso de sobrevivência, que faz com que a assimilação do trabalho coletivo seja muito difícil. Percebe-se por parte dos catadores a busca do trabalho apenas para ganhos imediatos, e comprometer-se em alguma organização – ou melhor, associação – acaba por tolir a “liberdade” em que vivem. Com isso, essas associações

não podem contar com a permanência de seus trabalhadores, que são flutuantes. O fato de ter de dividir todo e qualquer ganho com outras pessoas muitas vezes desestrutura psicologicamente os trabalhadores, gerando dificuldades administrativas. Dessa maneira, o senso de “comunidade” raramente se estabelece.

A maioria dos trabalhadores do lixo são carrinheiros e carroceiros, que trabalham de maneira livre, catando o lixo pelas ruas da cidade antes de ser feita a coleta. Em muitos casos é financeiramente mais vantajoso ser carroceiro/carrinheiro do que trabalhar num galpão, pois na rua consegue-se lixos mais lucrativos (além de eletrodomésticos, móveis, roupas e outros objetos descartados). O número de carrinheiros aumenta a cada dia, acarretando um grave problema para as associações: a falta de lixo. Como os carrinheiros retiram grande parte do lixo antes que a coleta seletiva se realize, o material que chega para os galpões é muito escasso. Para a Prefeitura, essa situação é vantajosa, fazendo com que todo o setor da reciclagem não ganhe força e delegando aos carrinheiros um trabalho que muitas vezes ela não poderia realizar devido ao sucateamento de seus caminhões da coleta.

Entre os problemas de gestão está a falta de uma visão mais ampla na administração financeira. A renda dos galpões é ainda muito baixa, e em muitos deles não existe um caixa comum. Dessa forma, ganhos indiretos (benefícios como refeições, creche, INSS e plano de saúde) que garantiriam a permanência dos trabalhadores dentro dos galpões não são possíveis. Isso só foi encontrado em galpões do interior do Estado, onde os contextos econômico e cultural são completamente diferentes.

Outra questão relevante é o fato da maioria dos trabalhadores ser mulheres. A separação do lixo se revela um ofício principalmente feminino – desde os primórdios a mulher permanece à espera (na mesa) e zelando pelos filhos, enquanto o homem vai à caça, ou melhor, “à cata”. Dessa forma, uma grande necessidade não sanada são creches junto a esses galpões. A existência de uma creche torna-se até mesmo mais importante que a de um refeitório. A inconstância de muitas trabalhadoras ocorre devido a problemas com seus filhos.

No tocante à arquitetura, pode-se dizer que um dos principais problemas a apontar é a falta da moradia junto ou próximo aos galpões, com exceção de uma associação – a da Padre Cacique, em Porto Alegre – que surgiu a partir da habitação de moradores de rua.

O trabalho com o lixo não é entendido como dignificante, e muitos trabalhadores caminham por horas para chegar ao trabalho, o que o torna ainda menos estimulante. Há de se pesar que além das vantagens de distância, refeições, proximidade dos filhos que a moradia junto ao galpão oferece, existem os problemas decorrentes da falta de limpeza e de costume cultural de higiene dessas pessoas, que acabam por arrastar a sujeira do galpão para dentro de suas casas.

As instalações em geral estão em péssimo estado de conservação, a iluminação em todos os casos é insuficiente, e muitas vezes as instalações

elétricas são “enjambradas”, trazendo perigo de incêndio. A quantidade de janelas é pequena em muitos casos, propiciando pouca ventilação, o que acentua o odor do lixo e atrai insetos. Em nenhum galpão visitado existiam vidros nas janelas, tampouco nas habitações da Associação da Padre Cacique, fazendo com que as pessoas tenham de enfrentar o frio e a umidade do nosso inverno.

Percebe-se um menosprezo por parte dos trabalhadores em relação às condições arquitetônicas básicas. Existe uma diferença cultural, pois não ocorre a percepção de que limpeza, água e luz trazem qualidade de vida (obstáculo epistemológico – não conseguem pensar além de sua realidade). Na maioria maciça dos galpões não existem torneiras, tampouco as pessoas são educadas para lavar as mãos. As crianças crescem e se alimentam junto do lixo; muitos animais (cães, gatos e cavalos) dividem o mesmo espaço. Essa falta de preocupação com a limpeza do galpão é apenas uma extensão do menosprezo pelo cuidado com o corpo próprio: as pessoas, apesar de tratarem com o lixo, não possuem o hábito de se lavar; a maioria dos trabalhadores não possui mais todos os dentes. Acredita-se em uma alta incidência de doenças de pele, problemas infecciosos nas crianças (como as verminoses) e problemas respiratórios, principalmente no inverno.

Porém, não há deficiência apenas nessa face do quadro. Estamos em um momento em que se torna latente a necessidade de uma reeducação da população para a coleta seletiva (além de separar é preciso lavar os resíduos). Isso contribui (junto ao aumento do número de carrinheiros – os mais informais desses informais) para o problema da falta de lixo.

No início da cadeia estão as empresas geradoras desses resíduos. Deveria haver mais responsabilidade por parte desse primeiro agente, a começar por produzir materiais de fato recicláveis (muitos sacos plásticos de biscoitos e salgadinhos maciçamente consumidos não são recicláveis, ficando por décadas nos aterros sanitários). No caso de não serem recicláveis, esse dado deveria estar realmente explícito na embalagem, permitindo ao consumidor a consciência dessa compra. Isso pode parecer absurdo, mas absurdo mesmo é o fato de grandes empresas brasileiras não produzirem embalagens recicláveis. Esse é o momento de se investir em *design* ecológico, embalagens mais fáceis de abrir e de possível aproveitamento dentro de casa.

Para a conscientização da população também seria importante informar os melhores destinos para certos tipos de lixo, tais como: pilhas, baterias de celular, pneus, lixo hospitalar, entre outros.

Essas conclusões vêm confirmar a idéia de que esses galpões são soluções momentâneas para o lixo. Porém, ao mesmo tempo em que o lixo está se escasseando, maior é a necessidade dessa população e mais benefícios poderiam ser atingidos pelas associações. Sendo assim, deve haver um fortalecimento desse ofício – recicladores –, apoio às associações e, principalmente, um trabalho efetivo educacional e psicológico com esses trabalhadores. Esse seria o único caminho para obter-se reais

resultados sociais; caso contrário, em pouco tempo, as pessoas estarão brigando nas ruas pelo lixo, e cada vez mais serão as empresas que o produzem as mais beneficiadas nesse processo.

A ordem dos homens, da cidade, é transgredida, subvertida por essa espécie de devoração. Devoração não só de quem produz o lixo, mas dos catadores que fazem da prática da triagem uma outra espécie de devoração. Por exemplo, os trabalhadores da Associação Catadores Padre Cacique, que se intitulam devoradores de lixo, trabalham exaustivamente para triar todo o material, seja ele de boa ou má qualidade que a Prefeitura coloca para eles. Não deixam nada pelo caminho, tudo que lhes é dado é separado, ordenado.

Para quem produz o lixo esse fenômeno é interpretado como a desordem acumulada, jogada fora; para os outros a devoração que se projeta sobre esse material corresponde àqueles que organizam e reintroduzem novamente a matéria na cadeia produtiva, na cadeia da vida. Só que nesse processo não há nada de criativo. As pessoas que ali trabalham, na mesa ou na prensa, exercem um trabalho puramente mecânico. As vezes só conseguimos vê-lo como um processo metabólico, um processamento, onde os trabalhadores desempenham a função de restabelecer a cadeia, catando e ordenando freneticamente tudo que se precipita sobre a mesa. Essa desordem que caracteriza o universo do lixo e de seus protagonistas não deve ser entendida, entretanto, como um encadeamento de processos desequilibrantes que leva a mudanças irreversíveis, mas como um movimento, um jogo de forças que é preciso dominar a fim de esvaziá-lo de sua carga negativa e de empregá-lo a serviço de uma nova ordem. Como muito bem observou Balandier, a desordem é representativa de certo abandono, certa vacância do poder. Esse conceito expressa perfeitamente, quando no Brasil, lá pelos anos 90, as prefeituras tornam-se absolutamente incapazes de gerenciar a separação do lixo seco e orgânico, depositado nos grandes lixões a céu aberto nas aforas da cidade. Também esse período coincide com o desespero de uma população marginalizada que vai buscar nos lixões as sobras de comida dos supermercados que eram jogadas aos cães e porcos. É o período em que Jorge Furtado faz o seu célebre documentário sobre a Ilha das Flores.

O mais paradoxal, é que associamos a desordem a quem realmente trata de ordenar o material atirado fora, inclassificável ecologicamente. Na verdade o que os catadores fazem é domesticar a desordem produzida pela devoração da sociedade consumista, pela sociedade do desperdício. Mas no imaginário da sociedade, ao se aproximarem do lixo, ao se estabelecer uma relação simbiótica entre eles, ao se apropriarem do lixo, é como se se apropriassem do mal, do execrável, do escatológico, formando um par perfeito. Livrando assim, e/ou escamoteando, de certa forma, a culpabilidade de quem a produziu.

O espaço policiado, ordenado, corresponde ao tecido consolidado da cidade, o espaço caótico designado pela periferia, pelo excluído. Os dois universos, como sugere Balandier, têm limites incertos, bordas mal

definidas os separam, passagens são abertas de um lado para outro. “Do espaço policiado ao espaço da desordem integral, são traçados espaços de transição onde o desordenado se manifesta dentro da ordem, e onde a desordem permanece ordenável. O microcosmo não rejeita o caos ele inclui para dominá-lo, para vigiá-lo, para controlá-lo, às vezes reprimi-lo, ele o inclui delimitando-o, mas sempre deixando a comunicação possível.”¹³

A desordem não é irreduzível, é preciso dar-lhe um lugar, tê-la sob controle. O lixo é a desordem, e cabe ao Estado e às prefeituras seu controle, isso porque corre o risco de se tornar desordem extrema, esse caos pode invadir o domínio da vida social e desregular sua ordem.

A ordem nunca é dita, só se traduz por referência ao que não é ordem. A ordem, hoje, é o consumo, o desperdício, o excesso. Talvez por isso o Estado e as forças da sociedade tratam de imbutir nos catadores e na sociedade em geral o problema em termos de problema ambiental e não social, valorizando a importância do papel do catador, inibindo-os de certa forma de seu potencial de transformação social.

A ordem e a desordem, inclusão e exclusão, são como duas faces de uma moeda; são indissociáveis. São dois aspectos ligados ao real, que arrastam o próprio conceito de sentido. E não nos parece à toa que a nossa civilização pareça algo sem sentido, que todos reclamem a falta de sentido. A mobilidade dos carrinheiros nas ruas das grandes e pequenas cidades revela-se como uma resposta à desordem da produção, da sociedade produtista-consumista. Em seus carrinhos eles transportam não só a intolerância da sociedade, mas também os sentidos perdidos, jogados fora em saquinhos ou latas. Enquanto mensageiros, eles são os encarregados de transportar e ordenar esses sentidos, organizar, recolar o fragmentado. Às vezes pensamos que toda a esperança do mundo, absurdamente, cabe num carrinho.

Uma das dificuldades em entender o universo dinâmico e em trânsito do lixo, dos catadores, é a própria mobilidade e inconstância do conhecimento. Tudo se tornou, de certa forma, muito móvel, excessivamente móvel para os parâmetros anteriores, muito dissociado dos valores de permanência e geradores de ordem. Tudo se tornou líquido, as relações humanas, as estruturas. Porque a modernidade não se cansa de se refazer, é um contínuo vir-a-ser, ela deve ser entendida em sua criação e não em estruturas que a congelam e a desnaturam”.¹⁴

Nessa posição incerta, o indivíduo e os coletivos que trabalham com o lixo mal conseguem se definir, fixar sua escolha, orientar suas condutas, porque não há uma perspectiva de cessar o movimento, de uma estabilidade estacionária. Assim, muitas vezes esse movimento é puro desamparo, abandono. E é justamente essa incomunicabilidade, desses encontros mais que fortuitos, efêmeros e rápidos que não auxiliam na constituição dos coletivos.

Nas mesas de triagem são separados, juntados, classificados e prensados os sentidos que foram jogados fora; depois eles são enfardados

para serem triturados, esfacelados, tornarem-se matéria mesmo sem significado, até que sejam reintroduzidos novamente sobre uma nova forma, um novo sentido. A isso chamamos reciclagem. O único problema é que essas novas matérias são, em sua maioria, embalagens, que ficam esvaziadas de qualquer conteúdo logo após serem consumidas. São objetos representativos da sociedade do consumo, do descartável, e tudo que é reordenado volta a se tornar desordem pelo próprio movimento da falta de sentido.

“As moscas são os anjos da miséria,
estão em toda parte, escoltando o apodrecimento.”

Carpinejar.



NOTAS

- ¹ Balandier, Georges. *A Desordem, elogio ao Movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 48.
- ² Cabral, Sueli Maria. *Urdiduras e Tramas do Avesso: os trabalhadores do lixo*. Práxis, revista do ICHLA, p. 69-76.
- ³ Balandier, op. cit., p. 38.
- ⁴ Moehlecke, Vilene. *Corpos da cidade: territórios e experimentações*. ARQtexto 7 (A prancheta eletrônica). PROPAP/UFRGS, p. 65.
- ⁵ Bauman, Zygmunt. *O amor líquido, sobre a fragilidade dos laços humanos*. Jorge Zahar Editores. Rio de Janeiro, 2004.
- ⁶ Alves, Rubem. *Lagartixas e dinossauros*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- ⁷ Escrito no folder do 3º Encontro de Lixo e Cidadania, em Belo Horizonte.
- ⁸ Magera, Márcio. *Os empresários do Lixo, um paradoxo da modernidade*. Campinas: Editora Átomo, 2003.
- ⁹ A metodologia deste projeto estrutura-se em dois momentos: um primeiro, que investiga e conhece o problema, o objeto de estudo *in loco*, nos galpões. Para isso serve-se de todos os instrumentos possíveis de levantamento dos dados materiais e imateriais dos galpões, tais como: mapas, plantas cortes, fachadas, fotografias, vídeos, questionários, fichas, buscando sempre o registro da memória de cada Unidade. Para isso, em cada levantamento, busca-se escutar os representantes de cada galpão, conversar com os recicladores, procurando detectar as principais dificuldades encontradas no dia-a-dia de seu labor, assim como aproveitar as recomendações e sugestões por eles propostas. Após levantados os dados dos galpões, eles são analisados individualmente e comparativamente com os demais sobre os critérios de análise arquitetônica, formação da associação, histórico, objetivos de cada Unidade. Ou seja, são relativizados dentro de um espectro maior evidenciando suas diferenças e peculiaridades. A partir dessas análises é que surgem as proposições arquitetônicas generalizadas de como se poderia melhorar e requalificar os espaços desses galpões. Num primeiro momento (2004) havíamos pensado, ingenuamente, que essa pesquisa poderia subsidiar normativas, legislações sobre os galpões desde as esferas municipais até as federais. No decorrer da pesquisa nos deparamos que a complexidade do fenômeno, sua mutabilidade e desorganização é muito maior do que esperávamos. E compreendemos que esse tipo de recurso de imposição de leis não funcionaria, não só por constituir-se um procedimento de baixo para cima, mas exatamente por negligenciar o processo de formação, de criação desses galpões, desses coletivos. Assim, nos deparamos com a seguinte pergunta: como passar as informações, os conhecimentos técnicos relativos à arquitetura, à administração do espaço, às melhorias de produtividade e qualidade de vida oriundas de uma melhoria do espaço que a máquina arquitetura pode proporcionar? O segundo momento: através da distribuição de uma espécie de cartilha didática sobre “como construir ou requalificar um galpão de triagem”, na qual recolhe as sínteses dos resultados dos levantamentos da pesquisa traduzidos numa linguagem simples, direta e ilustrativa, podendo ser repassadas diretamente as suas bases de formação, aos catadores. Assim, de certa forma, conseguiríamos conciliar a investigação com um processo educativo, onde a arquitetura desempenha um papel importante na educação. Por fim, também não perdemos a esperança de que num futuro próximo esse material poderá subsidiar normativas para os galpões, incorporando-se nas legislações municipais (planos diretrizes e códigos de obras) e federais, sobre os critérios de habitabilidade, conforto ambiental, higiene, funcionalidade, já que até o presente momento não existem normativas técnicas para os galpões. Nesses dois momentos se entrecruza de maneira vigorosa e contundente toda uma revisão bibliográfica sobre o tema desde suas diversas dimensões, que poderíamos chamar também marco teórico. Nela buscamos investigar não só os temas relativos ao lixo, à arquitetura, à economia, à sustentabilidade, à administração, mas também – e sobretudo – temas ligados à nova filosofia, sociologia, educação, comunicação. Esses estudos oriundos da revisão bibliográfica são o que nos permite avançar na compreensão do fenômeno “lixo” no século atual, e nos orientar diretamente sobre os programas de necessidades arquitetônicas desses galpões, que num primeiro momento nos aponta que devemos ultrapassar os horizontes e compreensão meramente produtivistas da sociedade de consumo, do desperdício, orientando e propondo espaços além dessa lógica absurda que faz de todo catador um mero agente ou engrenagem a serviço da indústria das embalagens, da superficialidade.
- ¹⁰ Legaspe, Luciano. *Reciclagem, a fantasia do ecocapitalismo, um estudo sobre a reciclagem promovida no centro da cidade de São Paulo observando a economia informal e os catadores*. 1996. Dissertação. Mestrado em Geografia. USP. p.164.
- ¹¹ Em 1996 iniciaram-se as reuniões para o projeto de criação Galpão. Em 2000 foi construído através de financiamento do BNDES, pelo Programa Pró-Guaíba. Uma ONG alemã fez o treinamento inicial dos trabalhadores. Existem três coordenadores do galpão: um financeiro, um do departamento pessoal e um geral. Todos os trabalhadores devem residir na comunidade para poder participar. Do trabalho no galpão, muitas pessoas são encaminhadas para o mercado formal de trabalho, com atividades como: porteiro, vendedor, bibliotecária, auxiliar de escritório e cozinheira. Localiza-se em terreno da Prefeitura, cedido pela SMAM, onde também se localiza o CEA – Centro de Educação Ambiental (desde 2003). O mesmo possui parceria com o SENAC, que fornece cursos de judô, mosaico, corte e costura, papel reciclado. É nesse local que permanecem os filhos dos trabalhadores do galpão que, para poder participar, devem estar na escola. Inicialmente faziam quatro jornadas de trabalho (24hs), que tiveram de encerrar em função do fornecimento da energia elétrica. Como a Vila possui muitos “gatos”, o uso das prensas durante a noite tornava-se um perigo para a comunidade, no caso da rede não suportar o consumo. A CEEE, que fica ao lado, já se comprometeu a aumentar a força do fornecimento. Além da coleta seletiva, possuem coletas próprias que são realizadas com kombis adquiridas pela associação. Essas coletas são: Shopping Moínhas de Vento e Hotel Sheraton, os bares Armazém Ventura e Z Bistrô, além do Banrisul e do Laboratório Bayer. Essas coletas somam 1 tonelada/dia, através de umas vinte viagens feitas pelas kombis. Os trabalhadores não possuem carteira assinada e nenhum tipo de benefício. Foi feita uma parceria com um escritório de contabilidade que forneceu comprovante de renda a todos os trabalhadores, para que esses pudessem fazer compras em crediários. Existe um plano de saúde dentária – SALDENTE, que é descontado em folha. É realizada assembleia semanal, além de freqüentes palestras de educação alimentar, exames clínicos e palestras sobre planejamento no CEA. São dois turnos de trabalho de

seis horas, com pessoas diferentes. Quando ocorre de algumas pessoas trabalharem os dois turnos (terças e quintas existe o mutirão, quando há muito material), essas fazem uma “vaquinha” para o almoço, que é feito no refeitório, uma edificação independente dentro do mesmo terreno, que é utilizada também pelo CEA. O projeto inicialmente só contemplava as mulheres da vila. A Promotora Popular Legal Mari Medeiros, que criou o galpão e o CEA desenvolveu o projeto para que as mulheres pudessem trabalhar dentro da Vila.

¹² Outros dados são relevantes para o entendimento do Profetas, como identificou o Pedro Figueiredo: “70% destes trabalhadores são mulheres, uma grande maioria são chefes de família. Recentemente uma grande quantidade de jovens, na faixa de 17 a 24 anos começou a procurar trabalho nos galpões. Nenhum dos associados recebe bolsas do governo. Tudo é dificultado para eles. Eles têm problemas de documentação, perdem, queimam, são assaltados, enfim, é mais fácil encontrar nossos trabalhadores sem documentos do que com. Identificamos muitas dificuldades do Galpão, não diretamente arquitetônicas, mas que incidem sobre o espaço. Às vezes, eles não têm o lixo necessário para trabalhar, e nem a sistematicidade necessária. Não há um lugar para deixar os filhos destas trabalhadoras, que não estão nas creches, o que se reflete diretamente nas atividades dos galpões, como a grande quantidade de faltas, afetando diretamente na produção. Ganham o que produzem. Isso também mexe no cotidiano das atividades do galpão trocando as pessoas de lugar. A dificuldade apresenta-se também na falta de vagas na escola pública, é uma imensa luta por vagas para as primeiras séries. Dos jovens que trabalham junto aos galpões muito poucos deles estudam. Não sabem bem para que estudar. Esses jovens já não procuram mais trabalho no centro da cidade, por que eles sabem que não terão oportunidades mesmo. São jovens, na maioria de pele não clara, que se identificam visualmente como jovens de periferia. Muitas vezes são barrados ao atravessarem o Shopping DC Navegantes. Observamos também um rodízio muito grande dos trabalhadores; um dos motivos é o baixo rendimento dos trabalhadores. A grande oferta de material fez com que os preços caíssem vertiginosamente nos últimos oito meses. Aumentou a oferta e o preço caiu. Os trabalhadores dos galpões, que dependem da coleta pública, têm que separar todo tipo de material — mesmo os que não dão lucro — e acabam ficando com ganhos menores diante daqueles que vão para a rua com seus carrinhos, e que selecionam previamente aquilo que lhes dá mais lucro. Também, não há nenhuma espécie de apoio psicológico e médico, temos tentado dentro da UFRGS e não conseguimos. Este rodízio favorece o fortalecimento de lideranças fortes, que começam a deter informação estratégica para a continuidade dos coletivos, e aí empregam parentes e pessoas de seu absoluto controle. Os contatos institucionais ainda são fracos. O poder público tem a necessidade de resolver o problema do lixo da cidade, mas não consegue resolver efetivamente. Por isso a ação das ONGs e dos parceiros neste processo é fundamental. Elas estão mais no dia-a-dia das atividades, no cotidiano dos grupos, conseguindo estabelecer esta relação entre, no caso, o DMLU e as outras necessidades dos coletivos. Há uma deficiência na relação com o mundo das empresas. O Profetas é ainda pouco articulado. Até o presente momento não havia uma história escrita do Profetas, nem um folder, um *book* de apresentação da Associação.”

¹³ Balandier, op. cit. p. 101. “O espaço imaginário é isomorfo do da sociedade, campo de relações em que a ordem e a desordem coexistem em constante confrontação, onde a Lei enfrenta as forças destrutivas e resiste à degradação do tempo.

¹⁴ Balandier, op cit, p. 255.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Lagartixas e dinossauros*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- BALANDIER, Georges. *A Desordem, elogio ao Movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CABRAL, Sueli Maria. *Urdiduras e Tramas do Avesso: os trabalhadores do lixo*. Práxis, revista do ICHLA. p. 69-76.
- CAMP (Centro de Assessoria Multiprofissional). *Economia popular solidária*. Porto Alegre: CAMP, 2002.
- CARPINEJAR, Fabrício. *Caixa de sapatos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FIGUEIREDO, Antonio Pedro. *Cidades catalisadoras*. ARQtexto n. 06. Porto Alegre, UFRGS.
- FUÃO, Fernando F. *3x4, um retrato da identidade da arquitetura*. Disponível em: www.fernandofuao.arq.br.
- FUÃO, Fernando. *Sob Viadutos*. Disponível em: www.fernandofuao.arq.br.
- FUÃO, Fernando. *A representação de Matias*. ARQtexto n. 7. (A prancheta eletrônica) PROPAP/UFRGS, 2006, p. 80-95.
- JACQUES, Paola B. *A estética da Ginga*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Rio Arte, PPG- AU/FAUFBA, 2001.
- LAPORTE, Dominique. *História de la mierda*. Valência: Pretextos, 1988.
- LOSCHIAVO, Maria Cecília. *Design e responsabilidade*. Gazeta Mercantil, São Paulo, p. 7, 1 de maio de 2005.
- MAGERA, Márcio. *Os empresários do Lixo, um paradoxo da modernidade*. Campinas: Editora Átomo, 2003.
- PERES, Eliane Nunes; PIRES, Jussara. *Guia de Reciclagem*. Porto Alegre: Abes/FARRGS/Coopesul, 2004.
- MOEHLECKE, Vilene. *Corpos da cidade: territórios e experimentações*. ARQtexto 7 (A prancheta eletrônica). PROPAP/UFRGS. p. 60-74.
- SCHAAN, Fernanda; RAIMANN, Michele; SILVA, Daniela. *Comunidade Novo Cidadão*. ARQtexto 6. PROPAP/UFRGS. 2005. p.76-83.
- TELLES, Vera. *Folder do 3º Encontro de Lixo e Cidadania*. Belo Horizonte, 2004.
- TIBURI, Marcia. *Brasil cinza*. ARQtexto nº 5. Porto Alegre, 2004.
- TIBURI, Marcia. *Filosofia Cinza*. Porto Alegre: Editora Escritos, 2004.

Fernando Freitas Fuão

Autor dos livros “Canyons, a Av. Borges de Medeiros e Itaimbezinho” (2000), “Arquiteturas Fantásticas” (1998) e de vários ensaios como: O sentido do espaço? Em que sentido, em que sentido?; A representação de Matias; A universidade incondicional; Sob viadutos, entre outros. Doutor pela ETSA Barcelona com a tese “Arquitetura como Collage” (1987-92). Site: www.fernandofuao.arq.br; e-mail: fuao@ufrgs.br